



# SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

## A PRESENÇA DO DISCURSO PSICANALÍTICO NAS INSTITUIÇÕES

Daniela Scheinkman Chatelard

Profa. Associada no Programa da Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PCL do Instituto de Psicologia na Universidade de Brasília/UnB;  
Membro do GT Psicanálise, Política e Clínica na ANPEPP<sup>1</sup>

Desde sua criação com Sigmund Freud, tornar-se psicanalista é descobrir a psicanálise, tomar seu curso, refazer seu percurso e cultivar novas leituras em seu solo fecundo, a fim de tratar das questões que não cessam de surgir no laço que o sujeito estabelece no social. Sob a pluma do fundador da psicanálise tornar-se psicanalista é buscar sua origem, sua história primitiva, tratando de deixar vivo e aberto o campo de seu saber possibilitando seus desdobramentos e vicissitudes. É um trabalho que se faz onde surge o inconsciente, ou seja, em qualquer lugar onde se manifeste a angústia, motor para a via do desejo e da busca de um saber. Se o seu fio condutor tem princípio na situação clínica, seu seguimento se faz na pesquisa, na presença do discurso psicanalítico nas instituições e na sua transmissão, ou seja, na transmissão do discurso psicanalítico no laço social.

Em *A transmissão da Psicanálise*<sup>2</sup>, Jacques Lacan (1957/1998) deixa seu legado; a saber, que para falar de transmissão, é preciso que cada analista se esforce para reinventar a psicanálise. A clínica das neuroses, inventada por Sigmund Freud, somente pôde se escrever porque houve uma investigação

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é coordenada juntamente com a Profa. Marcia Maesso do IP, na prática do Caep e do HUB e escrito em conjunto, assim como a Profa. Eliana Lazzarini quando nas aulas em conjunto na transmissão da psicanálise na pós-graduação. Algumas reflexões são frutos da tese de doutorado de Paula Nogueira sob minha orientação.

<sup>2</sup> Lacan, Jacques (1998). A psicanálise e seu ensino. In: Lacan, Jacques. *Escritos* (pp. 438-460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957).



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

psicanalítica. Freud principiou com sua observação, a fundação de uma clínica das neuroses, de sujeitos que carregam em seu âmago e em sua constituição um *saber não-sabido*. Freud, lembremos, foi o precursor de uma nova *Weltanschauung*.

A linha de Pesquisa - Psicanálise, Subjetivação e Crítica da Modernidade, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - se realiza no CAEP (Centro de Atendimento de Estudos Psicológicos) e no HUB (Hospital Universitário de Brasília), e também nas aulas que ministramos na graduação e na pós-graduação em pesquisa em psicanálise, e que tem como proposta principal pensar a prevenção no âmbito do psiquismo do bebê a partir da experiência com a prática hospitalar, clínica e de pesquisa em psicanálise, observando o par mãe/bebê desde o início gestacional. O dispositivo, como dizia acima, em nossa prática de observação e intervenção é o Ambulatório Pré-natal e a UTI Neonatal, o Berçário e a Maternidade no Hospital Universitário de Brasília, acolhendo primeiramente, gestantes, mas também, atendendo e oferecendo uma escuta às pessoas que sofrem de dores crônicas, por exemplo, a fibromialgia ou de outras manifestações corporais. Este projeto faz parte da produtividade que tenho hoje com o CNPQ, através de teses, dissertações, Pibic, extensão. Abriu e expandiu-se para as dores crônicas, devido a uma grande demanda e dos desdobramentos que esta pesquisa, que envolve o corpo, se deu no âmago de nossa pesquisa.

No campo da psicanálise, tudo o que envolve a transformação do corpo na gestação, no sofrimento e na dor, se apresenta desde quando Freud passou a investigar a demonstração do sintoma histérico no corpo em relação à sexualidade, distinguindo-o da leitura proposta pela neurologia, na qual o sintoma tinha significado preconcebido em referência ao funcionamento orgânico. A separação de Freud da concepção médica do sintoma aumentou na medida em que avançara em seu percurso, propondo um novo método de investigação, orientado pelo material inconsciente em formação na fala, no sonho, no chiste, no lapso e no ato falho. Com a oferta de escuta psicanalítica



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

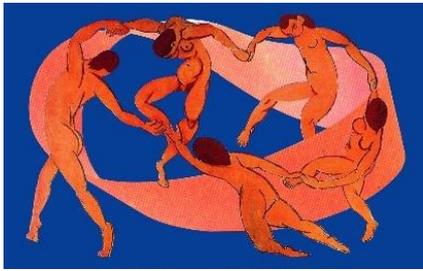
aos pacientes fibromiálgicos, observamos um traço comum entre os casos, concernente a um modo de organização do sujeito em torno da dor física, diante ao desamparo, da perda e do luto. Os pacientes chegam por causa da dor no corpo, diagnosticada como fibromialgia, mas passam a falar de outras dores: luto, abandono, maus tratos, abusos sexuais. Referindo-nos à ética que envolve a práxis da psicanálise, consideramos que o bem-dizer que é ao mesmo tempo semi-dizer pela via da fala, venha a proporcionar uma saída bem-sucedida ao sujeito.

Ao abrir o *Seminário 11*<sup>3</sup> Lacan (1973) lança a pergunta: “O que é uma práxis? (...) É o termo o mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, seja ela qual for, que o conduz a tratar o real pelo simbólico”. A experiência estendida sob o campo de uma práxis, cujo ponto central é o desejo do analista norteia a transmissão lacaniana. E, neste movimento, aquilo de que se trata na experiência psicanalítica é de “fazer falar”, a começar pelo nascimento desta práxis com as histéricas. O traço diferencial da histérica é este movimento de falar no qual se constitui o seu desejo. Não é surpreendente que Freud tenha entrado por esta porta, para demonstrar as relações do desejo à linguagem.

Então retornando a nossa prática e parafraseando Winnicott na década de 40: *"Isto que chamamos recém-nascido não existe. A cada vez que existe recém-nascido existem cuidados maternos, e que sem cuidados maternos, não existe recém-nascidos"*. O que se pode esperar de um profissional da área psi ante à clínica dos bebês prematuros? Ou seja, antes dos sujeitos *advirem*, ainda não constituídos subjetivamente e totalmente dependentes do desejo do Outro para sobreviver e viver. Para isso, alguns elementos bem peculiares dessa prática foram implantados por mim e pela equipe de estagiários que supervisiono no HUB - no serviço neonatal - e no Caep. Para que o estagiário do curso de psicologia, não corra o risco de cair num sistema fechado e já

---

<sup>3</sup> Lacan, J. Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, p.14. Paris: Seuil, 1973.



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

pronto como é o caso de serviços hospitalares em que enfermeiros, auxiliares de enfermagem, médicos, residentes e internos já têm de antemão seus lugares definidos, o psicólogo, por sua vez, deverá encontrar e "inventar" um lugar para sua escuta e sua fala, um lugar a partir do qual seu desejo possa operar. Nas supervisões, uma questão que não cessa de não se inscrever e que norteia, portanto, nossa prática: mas quem é afinal nosso paciente? A equipe? A mãe, os pais, ou o bebê?<sup>3</sup>

Tentamos a partir daí trazer elementos peculiares dessa práxis que pudessem nos trazer certas coordenadas e certas direções em torno dessa questão, sobretudo nas observações mãe/bebê e nas intervenções com gestantes de alto riscos que pudessem dar à luz a um bebê prematuro. Nesse contexto, gostaríamos de abordar a questão da ética na psicanálise em relação à ética aristotélica. Do ideal em busca de um Bem Supremo aristotélico, Lacan faz desse ideal um irreal introduzindo aí seu registro do real. O termo do real vem num movimento de revolucionar o debate em torno da moral, do bem, da ética. Real e verdade são dois termos caros à Lacan, em que ele afirma que do lado do real há uma ficção em oposição à realidade. O fictício não é o enganador, mas a ficção simbólica que o falante vai fazer nessa condição de ser da falta e ser da fala, isto indica como o real vai se articular à palavra, ao simbólico por meio da ficção. A linguagem é a condição do inconsciente, nessa estrutura discursiva que enlaça o sujeito no campo do Outro.

São muitos os elementos presentes na chegada de um bebê. A observação atenta da cena de parto nos coloca em contato com uma avalanche de emoções e sentimentos que podem ser contraditórios, imprevisíveis e intensos. Há uma convocação psíquica materna que o exercício de cuidado do bebê exige. Absolutamente dependente, frágil, à mercê das forças físicas e psíquicas que compõem seu entorno, o *hiflosgeit* freudiano desorganiza para então transformar a realidade à sua volta. Há o início de um

---

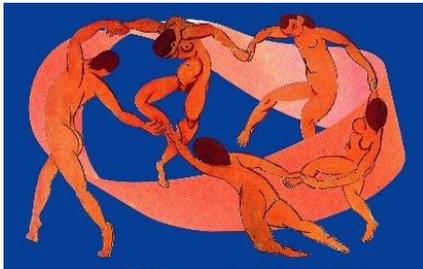
<sup>3</sup> Lacan, J. Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, p.14. Paris: Seuil, 1973.



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

encontro que não está dado, uma vez que o bebê que nasce nunca é aquele das fantasias maternas e, portanto, há também luto. Vemos uma mãe que tenta encontrar seu lugar, ao ter que se recompor de um esvaziamento corporal ao mesmo tempo em que tem seu psiquismo invadido pelos elementos primitivos de sua história pessoal que, inevitavelmente se reedita com a chegada deste outro que suas entranhas guardavam. É fundamental desnaturalizarmos o nascimento. E por desnaturalização entendemos à importância de levarmos em conta seus desdobramentos psíquicos para que possamos, dessa forma, levar a sério o tema da saúde mental na primeira infância marcada pelo encontro, mas também pelas dificuldades que podem surgir, colocando em risco tanto a mãe quanto a criança. Nesse sentido, pensamos ser possível afirmar que o *baby blues*, condição psíquica que emerge nos dias que se seguem ao nascimento, pode ser compreendido como uma janela e, nesse sentido, não é algo a ser evitado, pois mãe e bebê precisam fazer, juntos, essa travessia. O que importa é que este processo nos interessa, exigindo observação e cuidado, deixando seus rastros.

Pensar a ética em razão da prática tanto hospitalar quanto privada é importante para a psicanálise. Assim, na prática com o *infans* podemos nos referir à primeira experiência de satisfação descrita por Freud: ao nascer, o ser só pode viver se tomamos conta dele, se o Outro ocupa-se dele: esse outro que Freud chamou de *Nebenmensch*, o próximo, aquele que se situa *ao lado de*. O texto do pensamento freudiano, **Projeto para uma psicologia científica**, coloca no centro da *experiência de satisfação* — *Befriedigungserlebnis* — um personagem extremamente importante para o bebê, personagem responsável pela organização do desejo, o *Nebenmensch* cuja tradução do alemão precisamente seria *Nebem: ao lado de* e *Mensch: homem* ou *ser humano*, ou seja, o ser humano que está ao lado. Freud chama de *força auxiliar* — *helfende Macht* — cuja tradução se aproximaria de uma primeira potência ou força, aquele que trouxe ao bebê a *primeira satisfação* (assim como o desprazer); o despertar do conhecimento é dado graças à percepção do outro, do alheio a



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

partir do qual a criança pode reconhecer os traços visuais, os gestos, o movimento. Essa percepção pode ser associada à imagem e à forma do objeto este possibilitou a primeira experiência. O *Nebenmensch* sendo esse humano que se situa *ao lado de* possui um papel fundamental no despertar perceptivo do bebê. Com a experiência da *ação específica*, o organismo é convocado a se inscrever no universo da linguagem; esta experiência permite ao bebê passar do registro de puras necessidades ao registro da demanda. O bebê recebe o alimento, mas recebe também a palavra, experiência que se inicia com o grito, com o descarregar da tensão, do desespero inicial. A evolução do pensamento freudiano nessa época nos ensina que no campo do Outro qualquer coisa é expulsada e é em torno desse primeiro exterior expulsado que se orienta a via subjetiva do sujeito.

Retomando assim à práxis com o *infans*, como poderíamos incluir uma ética do surgimento do sujeito do inconsciente se este ainda está se constituindo? Poderíamos pensar numa práxis interdisciplinar com os bebês, tendo a escuta do psicanalista o papel daquele Outro que se situaria *ao lado de*, para que de seus reflexos ainda precários possa surgir uma esperança de sujeito? O psicanalista espera pelo sujeito. O desejo do psicanalista engendra uma posição ética particular daquilo que ele está escutando do sofrimento do paciente. A ética do Real e não de um ideal. Essa ética exige tempo. "*É preciso tempo para fazer-se ser*" (Lacan, 1988); é preciso tempo para que "*o inconsciente se articule daquilo que do ser vem ao dizer*". O ser que desde o momento que rompe com o natural e ingressa na cultura rompe com a homeostase e caminha para a morte, o *ser- para- morte*.

Justamente aí, lembrando Heidegger acerca de temas da vida e da morte, esse movimento faz perceber, diz Lacan, a relação com a existência e a não-existência, isto é, com o aparecimento daquilo que não existe ainda (Lacan, 2001). Mas que já são, mesmo assim, temas ligados à existência do sujeito e aos horizontes que sua experiência lhe traz, quanto às questões da origem, do sexo e da morte. Aqui se encontra a atividade mítica empregada



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

pela criança que num tempo *posterior* e num movimento retroativo participará de sua estrutura. A criação mítica da criança a prepara para seu funcionamento estrutural. Dessa ligação mítica, primária ao objeto de amor, a criança funda um primeiro logro intersubjetivo. Nas diversas tentativas de simbolizar o imaginário e os efeitos de permutações e metamorfoses surgidas nessas maneiras de simbolização, a criança entra num sistema de significantes e linguagem.

Então, retornando a práxis, nessa tentativa em articular prática e teoria na clínica da primeira infância, queremos inserir na ética da psicanálise o particular dessa escuta num sujeito ainda a advir em sua temporalidade. A locução *futuro anterior* significa que, num *a-posteriori*, um sentido é dado ao anterior. *Só-depois* um remanejamento simbólico é possível daquilo que fora antecipado no passado. Tempo antecipado que deixará suas marcas indeléveis no *a-posteriori*, deixará marcas no ser do tempo, no incessante movimento do devir de um sujeito em relação à sua ética, à sua singularidade e ao seu desejo na transmissão de um saber a ser sempre reinventado e redescoberto.

Lacan ensina-nos: "A importância de preservar o lugar do desejo na direção do tratamento requer que este lugar seja orientado em relação aos efeitos da demanda, os únicos atualmente concebidos como princípio do poder na análise"<sup>4</sup> (Lacan, 1988). E, nessa clínica particular, se um sinal precocemente é escutado, pode-se determinar uma intervenção. Uma intervenção que favoreça a montagem pulsional e desejante nesse processo de transição da construção de uma parentalidade. Esse processo situa-se justamente durante o período da gravidez e nos primeiros meses de vida pós-natal do bebê. Com as gestantes, nós lidamos com esse período de transição, que implica uma passagem, mas também implica o saber esperar não apenas pelo bebê; mas também pelas gestantes na sala de espera. E nessa espera, na clínica do sujeito, pelo surgimento da palavra, da elaboração de palavras se dá,

---

<sup>4</sup> Lacan, J. "A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder", p. 598 in *Escritos*. 1998. RJ: Jorge Zahar editor.



# SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

esperando e apostando pelo comparecimento do sujeito em sua montagem pulsional. Uma vez que, na especificidade desta prática, a montagem pulsional, onde o olhar precede o ser olhado, há um movimento de se fazer ver.

A psicanálise resulta assim de uma generalização dos saberes e dos conceitos que surgem a partir de práticas singulares e específicas. É uma “ciência *à posteriori*”, uma pesquisa epistemológica e da observação de campo, em sua práxis. Para finalizar, na *Proposição de 09 de outubro de 1967*<sup>5</sup>, Lacan (1967/2001) enfatiza “que a raiz da experiência do campo da psicanálise, colocado em sua *extensão*, única base possível para motivar uma Escola, deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica, queremos dizer tomada em *intensão*: única razão justa a ser formulada da necessidade de uma psicanálise introdutiva para operar neste campo”. Operar em três eixos deste campo; epistêmico, práxis e político. Penso ser este o desafio e o papel de um psicanalista na pólis e em particular em suas instituições de atuação; assim como no laço social; eis nosso desafio cotidiano que nos oferece desdobramentos, muitas vezes surpreendentes, sempre *a posteriori*, ou seja, que não foram pensados num *futuro anterior*, pois *Wo es war, soll ich werden*, o sujeito deve advir.

**Palavras-chave:** Discurso psicanalítico, Instituições, Transmissão, Psicanálise.

## Referências

- Lacan, J. (1998). A psicanálise e seu ensino. *In: LACAN, J. Escritos*. (pp. 438-460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1973). *Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, p.14. Paris: Seuil.
- Lacan, J. "A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder", p. 598. *In: LACAN, J. Escritos*. 1998. RJ: Jorge Zahar editor.
- Lacan, J. (2001). *Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École*. *Autres Écrits*. (pp. 243-260). Paris: Éditions du Seuil.

---

<sup>5</sup> Lacan, Jacques. (2001). Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. *Autres Écrits*. (pp.243-260). Paris: Éditions du Seuil.